



Universidades Lusíada

Pereira, Ana Catarina Moniz

A prática da intersectorialidade como promoção e prevenção de saúde nas escolas : um relato de experiência em São Luís do Maranhão – Brasil

<http://hdl.handle.net/11067/4628>

<https://doi.org/10.34628/gsnc-qf76>

Metadados

Data de Publicação

2017

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo expor os resultados obtidos durante a experiência de estágio supervisionado específico em processos de prevenção e promoção da saúde do curso de Psicologia da Universidade Ceuma – São Luis, Maranhão, Brasil, realizado na Unidade de Ensino Básico Olinda Desterro, entre os meses de março e junho de 2016. As atividades metodológicas foram desenvolvidas em quatro momentos: Reunião com equipe pedagógica com o objetivo de melhor compreender os recursos pedagógicos ...

The purpose of this study was to present the results obtained during the experience of specific supervised internship in the prevention and health promotion processes of the Psychology course of the University of Ceuma - São Luis, Maranhão, Brazil, carried out at the Basic Education Unit Olinda Desterro, between the months of March and June 2016. The methodological activities were developed in four moments: Meeting with pedagogical team with the objective of better understanding the pedagogical ...

Palavras Chave

Saúde escolar - Brasil, Psicologia educacional - Brasil, Psicólogos educacionais - Brasil

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] RPCA, v. 08, n. 2 (Julho-Dezembro 2017)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T17:20:01Z com informação proveniente do Repositório

**A PRÁTICA DA INTERSETORIALIDADE COMO
PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DE SAÚDE NAS ESCOLAS:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO - BRASIL**

**THE PRACTICE OF INTERSECTORIALITY AS HEALTH
PROMOTION AND PREVENTION IN SCHOOLS:
AN EXPERIENCE REPORT IN SÃO LUÍS DO MARANHÃO - BRAZIL**

Ana Catarina Muniz Pereira

Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo expor os resultados obtidos durante a experiência de estágio supervisionado específico em processos de prevenção e promoção da saúde do curso de Psicologia da Universidade Ceuma - São Luis, Maranhão, Brasil, realizado na Unidade de Ensino Básico Olinda Desterro, entre os meses de março e junho de 2016. As atividades metodológicas foram desenvolvidas em quatro momentos: Reunião com equipe pedagógica com o objetivo de melhor compreender os recursos pedagógicos utilizados na interação aluno-aluno e professor-aluno e quais as problemáticas e queixas envolvendo essas relações/ Reunião com o líderes de turmas/ Visitas em instituições de Redes de Apoio da escola para conhecer os trabalhos oferecidos com possibilidade de construir uma parceria com a escola/ Palestras sobre violência e promoção de saúde aos alunos. Alunos e professores insatisfeitos com os poucos recursos financeiros, pedagógicos e estruturais oferecidos pela escola, a qual trata-se de uma instituição isolada, pois não é assistida por nenhuma Rede de Apoio, tais como CRAS, CREAS e Conselho Tutelar. A UEB Olinda Desterro não é assistida por nenhuma política pública de assistência, tem um histórico de casos de violência física ou verbal entre aluno-aluno e professor-aluno e carece de recursos financeiros/estruturais e pedagógicos que deveriam ser oferecidos pelo estado.

Palavras-chave: Escola, Saúde, Intersetorialidade.

Abstract: The purpose of this study was to present the results obtained during the experience of specific supervised internship in the prevention and health promotion processes of the Psychology course of the University of Ceuma - São Luis, Maranhão, Brazil, carried out at the Basic Education Unit Olinda Desterro, between the months of March and June 2016. The methodological activities were developed in four moments: Meeting with pedagogical team with the objective of better understanding the pedagogical resources used in the interaction student-student and teacher-student and what problems and complaints involving these relationships / Meeting with class leaders / Visits at school support networks to learn about the jobs offered with the possibility of building a partnership with the school / Lectures on violence and health promotion to students. Students and teachers dissatisfied with the few financial, pedagogical and structural resources offered by the school, which is an isolated institution, as it is not assisted by any support networks such as CRAS, CREAS and the Tutelary Council. UEB Olinda Desterro is not assisted by any public assistance policy, has a history of cases of physical or verbal violence between student-student and teacher-student and lacks the financial / structural and pedagogical resources that should be offered by the state.

Keywords: School, Health, Intersectoriality.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo expor os resultados obtidos durante o estágio supervisionado específico em processos de prevenção e promoção da saúde do curso de Psicologia da Universidade Ceuma/ São Luís, Maranhão – Brasil, realizado na Unidade de Ensino Básico Olinda Desterro, entre os meses de março e junho de 2016. Apresentaremos em tópicos o referencial teórico a respeito da importância da promoção/prevenção de saúde nas escolas, as atividades metodológicas realizadas que buscaram atender as demandas locais e respectivos resultados e considerações finais.

Fundada há 19 anos, a Unidade de Ensino Básico Olinda Desterro é uma instituição escolar municipal/pública localizada na vila Vicente Fialho em São Luís (MA). Abrange alunos da comunidade local e adjacências, tendo por etapas de ensino o Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação para Jovens Adultos (EJA). A estrutura física é ampla. As salas possuem ventiladores, há banheiros para deficientes físicos ou não, uma quadra poliesportiva, cozinha e salas específicas para a equipe pedagógica. Entretanto, atualmente a escola sofreu algumas depreciações, como os muros pinchados, a falta de estrutura na quadra poliesportiva e nos banheiros para deficientes físicos.

Ao todo há 761 alunos na instituição. A equipe pedagógica é formada por professores, coordenadores, uma diretora e um gestor adjunto, os demais profissionais ficam ao cargo administrativo. O funcionamento da escola inicia-se pela manhã até o fim da tarde, semanalmente. Até o momento atual, o corpo docente encontra-se completo, diferentemente de alguns anos atrás, pois faltavam professores de determinadas disciplinas, o que muito prejudicou o desenvolvimento educacional dos alunos.

Constatou-se ao longo do estágio que esta instituição carece de uma maior atenção integrada do estado e das redes de apoio local, assim como diversas outras escolas municipais/públicas. Há escassez de recursos financeiros e estruturais, informações adequadas a respeito de programas sociais de assistência ao aluno e família, encaminhamento de alunos com transtornos mentais, soluções nos casos de violência entre alunos ou professor-aluno, e pouca conscientização sobre o dever da promoção de qualidade de vida a todos no ambiente escolar.

Neste sentido, objetivou-se neste período de intervenção a promoção/prevenção de saúde na instituição escolar Unidade de Ensino Básico Olinda Desterro a partir da vinculação e assistência política-integral das redes de apoio à esta instituição (Intersetorialidade) e realização de dinâmicas e rodas de conversa sobre temáticas que englobavam demandas emergenciais da escola.

Método

Como método de estágio foram desenvolvidas atividades metodológicas que tiveram início em 18 de março com término em 17 de junho de 2016.

No mês de abril realizou-se reuniões com os gestores, professores e líderes estudantis das cinco turmas. O objetivo foi ouvi-los para melhor compreender os recursos pedagógicos utilizados na interação aluno-aluno e professor-aluno e quais as problemáticas e queixas envolvendo essas relações. As reuniões foram breves em função do tempo e do próprio funcionamento escolar, mas que clarificou pontos a serem investigados. Nos momentos iniciais, houve reuniões com o supervisor técnico e docente do estágio para esclarecimentos sobre o campo e atividades metodológicas a serem desenvolvidas.

Em uma das reuniões, a coordenadora, relatou resumidamente as principais demandas da escola, entre elas a falta de verba e as dificuldades de interação entre a equipe pedagógica e os alunos considerados problemáticos. Ressaltou a presença na escola de alunos advindos de famílias desestruturadas e ou participantes de facções criminosas. Afirmou que no ano de 2016 a convivência escolar está mais pacífica que no ano de 2015, quando houve mais conflitos (geralmente violência física e verbal entre alunos). Acrescentou, ainda, a instalação de um sistema de liderança em todas as salas, cabendo aos líderes a imposição da ordem e anotação daqueles que bagunçam ou não cumprem as atividades passadas.

Quando a equipe se reuniu com os professores, a queixa em destaque foi o comportamento rebelde e violento dos alunos. Quando questionados se havia muitos conflitos na interatividade com os mesmos, os professores negaram, acrescentando que o mais comum são conflitos recorrentes entre os próprios alunos. Todos alegaram estafa e descontentamento com o trabalho.

Em contrapartida, a reunião com os líderes das turmas trouxe um cenário ligeiramente distinto do fornecido pela equipe pedagógica. Acanhados, a maioria manteve-se calado, somente os alunos do 6º, 8º e 9º ano, tomaram a palavra após a apresentação da equipe. Relataram constante insatisfação quanto a equipe pedagógica da escola destacando casos de violência física e verbal entre professor-aluno e aluno-aluno.

Percebeu-se que os alunos se mostraram visualmente inconformados com a falta de posicionamento da direção da escola nos casos de violência de professor contra aluno, declarando não serem ouvidos e culpabilizados pela grande maioria dos problemas ocorridos na escola. Do mesmo modo, se queixaram da estrutura física da mesma e da proibição sobre o uso da biblioteca e sala de informática.

Ficou visível o desencanto com a escola. Quando questionados a respeito de conflitos com o corpo docente, afirmaram que as professoras eram mais dóceis e mais compreensivas que os professores. Estes são segundo eles, comumente, mais agressivos. Diante destes episódios solicitaram a contribuição da nossa

equipe para solução de conflitos recorrentes. Percebemos a viabilização do uso da sala de informática e da biblioteca como uma das principais demandas, pois seriam de grande auxílio na produção de trabalhos e deveres escolares.

Ainda no mês de abril realizou-se visitas nas instituições de Redes de Apoio - CRAS, CREAS e Conselho tutelar - afim de conhecer os trabalhos de assistência oferecidos à escola. Neste sentido, primeiramente, a equipe visitou o CRAS - Centro de Referência de Assistência Social, localizado na Vila Vicente Fialho, cujo objetivo é a prevenção de saúde na atenção básica. No CRAS, a equipe foi informada sobre um trabalho realizado semanalmente na escola: o Serviço de Convivência, cujo público alvo são as crianças do programa Bolsa Família. Neste serviço, constroem na escola grupos de trabalhos com as mães dos alunos participantes, realizam atividades lúdicas e possuem técnicos de referências que fiscalizam a presença e ausência dos usuários do serviço. Infelizmente muitos alunos abandonam o serviço por razões desconhecidas, nestes casos, são realizadas visitas na escola ou em residência dos alunos.

A outra visita foi ao CREAS - Centro Especializado de Assistência Social, um serviço municipal ligado à Política de Assistência Social e localizado no bairro Sol e Mar, com o objetivo de atender casos de violência sexual física, psicológica à criança, adultos e idosos. Lamentavelmente, declararam não oferecer nenhum serviço à UEB Olinda Desterro, no entanto, quando questionados a respeito da possibilidade de uma parceria com esta escola, colocaram-se disponível somente para receber alunos encaminhados do CRAS e realização de palestras na escola. A última visita foi ao Conselho Tutelar, cuja diretora sugeriu aplicar um projeto sobre Violência e Trabalho infantil na escola, afirmando os conflitos cotidianos no setor da Educação serem comum pelo aumento de evasão de alunos e problemas com os gestores das escolas.

No mês de maio a equipe elaborou um roteiro com dinâmicas e rodas de conversas sobre violência para as turmas do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano, à pedidos da Diretora, a qual visualizava uma profunda carência de adequadas informações a respeito deste tema pelos alunos, especialmente os do 5º e 6º ano por serem ainda novos. Durante a Roda, a equipe buscou, a princípio, compreender o entendimento dos alunos a respeito do tema, No primeiro momento, mantiveram-se atentos e cooperativos, realizando diversos questionamentos ou depoimentos sobre algum tipo de violência vivenciado. No entanto, muitos dispersaram num segundo momento; retiravam-se da sala, não prestavam a devida atenção ou conversavam apenas entre si; o que tornava inviável a continuidade da atividade. Infelizmente, a equipe apenas conseguiu realizar a Roda de Conversa em um único dia, pois na semana seguinte a escola entrou em greve e a intervenção foi interrompida.

No mês de junho, novamente a equipe visitou o CRAS, CREAS e Conselho Tutelar para firmar parcerias de assistência à escola. A equipe do CRAS informou

que dariam continuidade ao projeto já aplicado - o Serviço de Convivência. O CREAS confirmou realizar uma visita à escola no início do mês de agosto, e por fim o Conselho Tutelar firmou o compromisso de manter o projeto de Violência e Trabalho infantil na escola. Os dias das visitas dependeriam da disponibilidade da escola, a qual deveria entrar em contato com a diretora do Conselho.

Resultados

A Unidade de Ensino Básico Olinda Desterro infelizmente não é assistida por nenhuma Rede de Apoio, apesar de estar localizada próxima à algumas, como o Centro de Referência à Assistência Social - CRAS. Trata-se de uma instituição isolada de políticas públicas assistências aos alunos e famílias e carente de recursos financeiros, estruturais e pedagógicos.

Casos de violência verbal e física entre aluno-aluno ou professor-aluno são frequentes. As medidas tomadas são superficiais o que favorece a recorrência destes episódios e prejuízos na interatividade dos alunos em si ou com os professores. Há também ocorrência de abuso sexual entre alunos do sexo masculino e presença de alunos com transtornos mentais. Em nenhum dos casos tomou-se alguma medida cabível, tendo a escola os negligenciados até o presente momento. Observou-se uma fragilidade institucional na resolução de problemas. A equipe pedagógica é pouco hábil na solução de conflitos cotidianos, devendo haver maiores práticas de enfrentamento. Além disso, não busca nenhuma articulação com as redes de apoio.

Em vista do isolamento social e político da instituição, a equipe buscou estabelecer parcerias com as Redes de Apoio local no sentido de promover maior qualidade de vida à escola. Assim, a equipe elaborou e fixou na entrada da escola um Painel Informativo sobre as Redes Apoio à alunos e corpo pedagógico afim de obterem um maior esclarecimento sobre estes serviços e quais medidas tomar nos casos de violência, abuso sexual e encaminhamento de alunos com transtornos mentais sem diagnósticos precisos.

O estabelecimento da articulação entre as redes e a UEB Olinda Desterro proporcionaria maior promoção de saúde à comunidade educativa, preparo do corpo pedagógico ao enfrentamento de problemas e conscientização de programas sociais de assistência integrada disponíveis à própria escola, aos alunos e famílias. Seria uma prática de promoção ao desenvolvimento educacional positivo e maior compromisso entre a escola e políticas públicas existentes.

Discussão

A escola constitui-se por um espaço promotor de conhecimento e construção da cidadania, habilidades e condutas morais, que conduz os alunos a tornarem-se cidadãos ativos e atuantes em sua comunidade social, a partir de problematizações e questionamentos sobre diversos saberes. Segundo Novaes (1980), deve aos educadores das escolas colaborar na construção de um pensamento crítico nos alunos, viabilizando ações no sentido de potencialização de habilidades, comprometimento com a sociedade e promoção de saúde.

A promoção de saúde no ambiente escolar é fundamental a um positivo desenvolvimento social, psicológico e cultural dos alunos, de modo que “a educação em saúde deve fazer parte do dia-a-dia da escola de forma contextualizada, para que os alunos possam crescer em conhecimento, melhorar seus hábitos, ter melhor qualidade de vida, e participar de forma mais crítica e consciente na sociedade em que vivem” (Mainardi, 2010, p. 20).

O aluno que vivencia um espaço favorável à sua qualidade de vida, onde é estimulado a buscar conhecimento e a ter uma participação ativa e dinâmica em seu processo de aprendizagem, decerto se tornará um cidadão de valor e transformador de sua realidade social. Cabe também a escola acreditar e confiar em seus alunos e professores, os quais devem ser capacitados a trabalharem com as devidas técnicas pedagógicas, compreender os sujeitos em suas necessidades e “fazê-los perceberem-se como sujeitos pensantes” (Mainardi, 2010, p. 30).

Conforme ressalta Moura et al (2007):

[...] a escola promotora de saúde deve ser interativa e dinâmica em suas dimensões física, social, ecológica, comunitária e educativa, visando desenvolver políticas práticas que propiciem mudanças de atitudes no que se refere a ações saudáveis no espaço escolar. (p. 496)

Portanto, compreende-se que a escola investidora na prevenção e promoção de saúde deve produzir um espaço de acolhimento que vê os alunos em suas demandas, singularidade e dificuldades através de ações de inclusão, dinâmicas, interação e auxílio aos mesmos. Necessita ser um espaço onde o cuidar, o acolhimento e as práticas educativas em saúde devem ser essenciais a promoção de um aluno motivado, que desenvolve habilidades pessoais e autonomia. A educação em saúde não se limita em transmitir informações de uma matéria específica, mas buscar conhecimentos, hábitos e habilidades que favoreçam o desenvolvimento de um modo de vida mais saudável (Ievorlino, 2000).

De acordo com Gandin (1988), a educação é um setor importante na construção e transformação do social, e a escola a principal ferramenta. O autor avalia que de nada adiantaria promover um espírito crítico, mas criar estruturas firmes que velam a submissão, obediência e inviabilizam um pensamento autônomo. É interessante, ou mesmo fundamental, que a escola se atente em não

incorporar atitudes limitantes à autonomia e aprendizagem dos alunos, e sim, promover-lhes bem-estar e qualidade de vida.

Assim, a importância à promoção de saúde nas escolas justifica-se pela questão de que a saúde é um direito a ser conquistado por todos os indivíduos. Logo, este processo educativo em saúde os conduzirá a compreensão e incentivo de desenvolverem ações promotoras quanto a sua própria qualidade de vida, se organizando e questionando o que é estar saudável. Segundo Mainardi (2010), os conhecimentos advindos da escola devem capacitar os alunos para isso.

Neste processo, é importante que o professor acompanhe, comunique, conheça e respeite os alunos, não devendo privar-se de adotar práticas pedagógicas mais dinâmicas em função de regras estáticas da escola. Infelizmente, diversos docentes ainda compreendem o processo de ensino-aprendizagem apenas como uma reprodução verticalizada de conteúdo - o professor ativo e superior e o aluno passivo, que deve memorizar conhecimentos. "A maioria desconhece que, no conceito ampliado e atual de saúde como qualidade de vida, os educadores da escola podem contribuir significativamente em benefício dos alunos, com suas atitudes, com o seu exemplo diário" (Mainardi, 2010, p. 32).

Ressalta-se que deste processo de ensino-aprendizagem não somente faz parte a equipe pedagógica e os alunos, mas também a família e o psicólogo escolar ou educacional, o qual deve fazer toda uma avaliação e reflexão sobre as demandas escolares. Quanto ao dever do psicólogo escolar, Andrada (2004), afirma o seguinte:

[...] o Psicólogo Educacional precisa criar um espaço para escutar as demandas da escola e pensar maneiras de lidar com situações que são cotidianas. Precisa criar formas de reflexão dentro da escola, com todos os sujeitos (alunos, professores e especialistas) para que se possa trabalhar com suas relações e paradigmas. (p.6)

Por vezes a ausência de diálogos, compreensão, ou até mesmo respeito, entre os docentes, coordenadores/diretores e alunos impede a construção de uma convivência positiva entre todos, devendo, assim, o psicólogo auxiliar e refletir sobre novas maneiras de lidar com situações aversivas e cotidianas. É necessário também desconstruir estigmas que permeiam os alunos especiais ou os que possuem dificuldades de aprendizagem (Novaes, 1980).

A partir de hipóteses incertas ou ausência de um diagnóstico, muitas das vezes os professores estão incapacitados em lidar com estes alunos, seja por não terem uma efetiva capacitação ou por mera ignorância em buscar suportes pedagógicos de auxílio, desta forma a solução emergencial comumente usada é a exclusão. A respeito desta questão dos conflitos vivenciados pelos professores no ambiente escolar, Novaes (1980), avalia o seguinte:

[...] ajudando os professores a compreenderem e aceitarem melhor a criança, bem como a si próprio, o psicólogo contribuirá para o melhor relacionamento

do aluno-professor, fator este decisivo no processo educativo [...] os resultados do atendimento, tanto individual como em grupo dos professores, são muito positivos, pois muitos não têm maturidade suficiente para resistir às constantes pressões e solicitações seja dos alunos, da escola ou da própria comunidade. (p. 24-25)

Observa-se, então, que os professores têm tantas demandas quanto os alunos, de modo que a sobrecarga de atividades, stress cotidiano e frustrações, bloqueiam a efetividade de seu trabalho pedagógico em sala de aula e sua satisfação profissional. Neste sentido, o auxílio do psicólogo é fundamental, pois seu trabalho junto à equipe pedagógica, e criação de espaços de reflexão com todos os sujeitos (professores, alunos, diretores) favorecerá progressivamente a construção de um ambiente escolar harmônico, e obtenção de novas conclusões a respeito de um mesmo fenômeno. (Andrada, 2004).

A atuação do psicólogo escolar não deve limitar-se ao diagnóstico de alunos considerados problemáticos. Como já dito, é uma prática profissional abrangente, que envolve não só escola, aluno e equipe pedagógica, mas as famílias e toda a comunidade educativa a fim de promover condições positivas ao desenvolvimento do educando. O trabalho juntamente a família dos alunos é necessário, especialmente dos que sofrem de dificuldades recorrentes, de forma que auxiliará não somente o aluno, mas também os pais em suas respectivas demandas.

Requer ser preparado ao uso de testes psicológicos, qualificado, sábio, e um profissional neutro, possivelmente imparcial “pois ora trabalhará como um árbitro ou juiz entre professores e alunos, pais e alunos, e ora como mágico que deverá encontrar soluções utópicas que farão desaparecer subitamente problemas e conflitos apresentados” (Novaes, 1980, p. 28). Deve buscar a investigação e soluções aos conflitos escolares, promovendo bem-estar e auxílio a todos.

Durante este processo educativo, o papel da família é fundamental, pois o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos é essencial ao sucesso da escolarização (Ribeiro, 2004). A autoridade e transferência de valores culturais, sociais e morais são aspectos inerentes à dinâmica familiar, cabendo aos pais acompanharem os filhos a partir das práticas de auxílio com tarefas, imposição de limites e senso de responsabilidade, acolhimento e compreensão.

De acordo com Novaes (1980, p. 17), o trabalho do psicólogo com os pais é tão beneficente quanto o é para os professores:

[...] os pais são igualmente beneficiados pela ação preventiva da escola e do psicólogo, pois esclarecidos sobre muitos aspectos da educação dos filhos, poderão reformular as suas atitudes educativas e situar objetivamente suas próprias dificuldades e problemas pessoais, aceitando não só os filhos, como a si próprio como pais, conseguindo uma melhor relação.

Ou seja, além desta orientação com o psicólogo, é interessante que os

pais organizem seus horários a fim de que possam se dedicar, acompanhar e favorecer o desenvolvimento educacional e psicológico dos filhos, não somente apontando ou punindo as falhas destes, mas também avaliando seus erros e comportamentos próprios que inibem a construção de uma relação favorável com os filhos. Uma organização familiar harmônica é indispensável à promoção de qualidade de vida, devendo manter-se em todos os âmbitos de vida dos sujeitos, inclusive na escola. A presença ou ausência da família produz variadas consequências positivas ou negativas.

Ribeiro (2004) aponta que a escola deveria implantar ações ou espaços onde as pessoas pudessem socializar ideias e contribuir com sugestões e projetos. Assim, deve a escola permitir que os pais tenham uma participação mais ativa e atuante, contribuindo em decisões, com projetos, recursos, e até mesmo na solução de conflitos recorrentes. Como bem avalia Novaes (1980), o processo educativo é um processo de informação e comunicação, que pressupõe a interação entre os elementos atuantes, deste modo, nas reuniões com os pais é importante que os professores acolham as opiniões, questionamentos e conselhos destes, a fim de promoverem qualidade de vida no ambiente escolar, a manutenção de um diálogo transparente e bem-estar a todos os envolvidos neste espaço.

O investimento parental na escolarização dos filhos é de extrema importância, pois no momento em que estes sentem-se valorizados, estimulados, e motivados pelos pais na busca por conhecimento, favorecem a continuidade de um saudável desenvolvimento escolar, vencendo dificuldades e “ganhando reconhecimento e legitimidade no seio da família” (Ribeiro, 2004, p.62). No entanto, apesar de o auxílio dos pais ser fundamental aos filhos, não garante o sucesso escolar destes, pois um processo educativo engloba diversas variáveis (dinâmica escolar, didática dos docentes, esforço próprio, desenvolvimento de habilidades, entre outras), sendo uma delas o apoio familiar.

Além do apoio e participações da família, dos psicólogo, professores, alunos e equipe pedagógica, a atuação da comunidade em torno da escola também é fundamental no que se refere a melhorias na qualidade do ensino articulado à formação para a cidadania, e auxílio em decisões administrativas e pedagógicas e bom funcionamento da escola (Gohn, 2004).

Verifica-se que o processo de ensino-aprendizagem não ocorre somente no interior das escolas, mas sim para além destas, englobando personagens cujas atuações aparentemente são irrelevantes, como o papel da comunidade, a qual colabora juntamente a escola na formação crítica de crianças, jovens e até mesmo adultos. Gohn (2004), ainda destaca que a escola pode tornar-se uma fonte de formação de cidadãos ativos a partir desta interação compartilhada com uma comunidade civil organizada de sua localidade.

É interessante que a população local tenha informações claras respeito do funcionamento do sistema escolar no objetivo de atuar ativamente na busca,

por exemplo, de melhorias e recursos (financeiros, pedagógicos, estruturais), execução de projetos, e reivindicação pelos direitos educacionais das crianças/adolescentes acaso a escola não os esteja cumprindo.

Por ser uma interação recíproca, deve a escola atrair a população local para que participem deste processo educacional, que não apenas abrange a reprodução de conteúdos científicos, mas também a promoção/prevenção de saúde através de ações que favoreçam bem-estar, qualidade de vida e a formação crítica dos sujeitos. “Esse processo de interação deve ser pautado no diálogo e na confiança. Para isso a escola deve oportunizar ‘situações de encontro’ a fim de conhecer os recursos da comunidade e os aspectos da sua realidade, visando à melhoria do ensino-aprendizagem” (Bezerra et al, 2010, p. 4).

Outro ponto a se destacar é a atenção integral das redes sociais de apoio próximas as escolas. Teixeira et al (2016), classificam estas redes como ações articuladas com profissionais dentro ou fora da escola, e a família do aluno, num espaço de debate onde são compartilhadas ideias, conhecimentos e alternativas construídas no grupo. Segundo estes autores, tais redes são instituições que trabalham em diversas áreas, incluindo profissionais como médicos, psicólogos, assistentes sociais e professores, que colaboram com hospitais, ambulatórios, serviços especializados, programas de reabilitação e etc.

Ressalta-se que as escolas públicas/municipais devem ser fundamentalmente assistidas pelas redes de apoio, pois muitas das vezes carecem de recursos financeiros ou pedagógicos, de uma assistência social à alunos com problemas familiares, e de políticas sistemáticas de encaminhamento destes à serviços especializados se necessário, como o CRAS¹, e CREAS². Para Junqueira (2001), as redes atuam como uma linguagem de vínculos entre as relações sociais e as organizações que interagem, buscando compreender de forma interativa as ações que privilegiam os sujeitos, e os problemas sociais com suas respectivas soluções.

Conclui-se que a escola, além de ser um importante espaço promotor de diversos conhecimentos científicos ao aluno, engloba não somente educandos e professores como costuma-se pensar, mas também psicólogos, família e comunidade educativa. É um aparato social onde os sujeitos constroem progressivamente um posicionamento crítico que os possibilitem transformar suas respectivas realidades sociais.

A prática da promoção e prevenção de saúde, respeitabilidade, compreensão e auxílio mútuo pela equipe pedagógica e alunos é fundamental ao desenvolvimento de qualidade de vida no ambiente escolar, pois favorece um aprendizado positivo dos alunos e satisfação profissional do corpo docente, de modo que o processo de ensino-aprendizagem não seja prejudicado ou atrasado em função de conflitos escolares recorrentes.

¹ CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

² CREAS – Centro de Referência Especializada de Assistência Social

Conclusões

Ao longo dos quatro meses de estágio, a equipe dedicou-se a observação das metodologias de ensino aplicadas na escola, a interatividade entre corpo pedagógico e alunos, e os recursos institucionais de enfrentamento de conflitos cotidianos. Ficou evidente que a UEB Olinda Desterro não é assistida por nenhuma política pública de assistência, tem um histórico de casos de violência física ou verbal entre aluno-aluno e professor-aluno e carece de recursos financeiros que deveriam ser oferecidos pelo estado.

Em função de desgastes frequentes com alunos, não pagamento de salários e insatisfação com a própria dinâmica escolar, observou-se que muitos dos professores demonstraram-se estressados e desmotivados. Ficou claro que para a equipe pedagógica a problemática central são alunos, pois os consideram desestruturados, rebeldes e violentos. Por outro lado, os alunos, já muito inconformados, queixaram-se da negligência do corpo docente quanto a suas demandas e seus direitos ao uso da sala de informática e biblioteca.

Logo, a equipe detectou que não há clareza na comunicação entre corpo docente e alunos, o que reforça a produção de conflitos, diálogos retorcidos e insatisfação geral. Neste caso, a presença de um psicólogo escolar seria fundamental, pois contribuiria para a busca de novos caminhos e aquisição de novas posturas facilitadoras à construção de um ambiente escolar saudável. Assim, levando em consideração a queixa principal dos casos de violência e após as reuniões com o corpo pedagógico, a equipe concluiu que os alunos, mas também os docentes, necessitam de adequados esclarecimentos sobre violência, modos de detecção, respeitabilidade e empatia, no sentido de adotarem novas posturas interativas.

A equipe elaborou um roteiro com dinâmicas e rodas de conversas a respeito dos diversos conceitos de violência para aplicar em todas as turmas, no entanto a primeira intervenção não fora muito positiva e satisfatória, pois vários alunos dispersaram-se e não prestaram atenção. Alguns professores não permaneceram na sala e os que o fizeram ignoraram o debate. Por fim, devido à greve dos professores iniciada por volta do mês de maio, a intervenção foi interrompida.

A equipe também buscou construir parcerias entre a UEB Olinda Desterro e as redes de apoio local, no sentido destas instituições promoverem à escola uma atenção integral e assistencial, articulando um maior diálogo entre educação, saúde e a comunidade educativa. Solicitamos aos diretores das redes que melhor assistissem a escola em função de seus déficits pedagógicos e conflitos recorrentes, ao que alguns replicaram já terem projetos voltados à esta ou que firmariam um compromisso. Também estabelecemos um calendário de visitas elaborando no final um Organograma com toda as redes de apoio e respectivos telefones para contato e endereços.

Consideramos que este foi um período de aprendizado para toda a equipe. Ficou claro o quanto as escolas públicas e municipais brasileiras carecem de recursos públicos, pois são instituições que sofrem o abandono dos gestores públicos, fato prejudicial a continuidade do processo de ensino-aprendizagem. Observou-se também a importância da continuidade deste trabalho por outros profissionais ou estagiários no sentido de abrir caminhos para a promoção e manutenção do bem-estar físico e psicológico da comunidade educativa local.

Finalmente faz-se necessário compreender a escola como um espaço de formação crítica dos sujeitos, uma vez que permite ampliar o diálogo entre gestores públicos e comunidade educativa por meio de renovados recursos pedagógicos. Para Gohn (2004), é fundamental politizar a educação, seus conselhos e todas as formas possíveis de participação da comunidade educativa na vida cotidiana da escola.

Referências

- Andrada, E. G. C. (2016). Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicol. Reflex. Crit*, 18(8), 1-8. Doi: 10.1590/S0102-79722005000200007>.
- Bezerra, Z. F. et al. (2010). Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária. *Educar em Revista*, 37, 279-29. Doi: 10.1590/S0104-40602010000200016.
- Ferreira, I.R.C. et al. (2014). Percepções de gestores locais sobre a intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. *Revista Brasileira de Educação*, 19(56), 61-76. Doi: 10.1590/S1413-24782014000100004
- Gandin D. (1988). *Escola e Transformação Social*. Petrópolis: Vozes.
- Gohn, M. G. M. (2004). A educação não-formal e relação escola-comunidade. *Eccos - Rev. Cient.*, 6(2) 39-65. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ensaio/v14n50/30405>
- Iervolino, S. A. (2000). *Escola promotora da saúde: Um projeto de qualidade de vida*. 2000. (Tese de Mestrado). Universidade de São Paulo, Brasil.
- Junqueira, L. A. P. (2004). A gestão intersetorial das políticas sociais e o terceiro setor 1. *Saúde e Sociedade*, 13(1), 25-36. Doi: 10.1590/S0104-12902004000100004.
- Mainardi, N. (2010) *Educação em Saúde: Problema ou Solução?* (Tese de Doutorado), Universidade São Paulo, Brasil.
- Moura, J. B. V. S., Lourinho. A. L., Valdês. M. T. M., Frota. A. M. & Catrib. F. M. A. (2007). Perspectiva da epistemologia histórica e a escola promotora de saúde. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 14(2), 489-501. Doi: 10.1590/S0104-59702007000200006
- Novaes, M. H. (1980). *Psicologia Escolar*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Ribeiro, D. F. (2004) *Os Bastidores da relação família-escola*. (Tese de

Doutoramento), Universidade de São Paulo, Brasil.
Teixeira.R. R., Ferigato S., Lopes. M. D., Matielo. C. D., Sardenber. M. L., Silva. P. ... Pedroza. G. R. (2016). Apoio em rede: a Rede HumanizaSUS conectando possibilidades no ciberespaço. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(57). 337-348. Doi: 10.1590/1807-57622014.1217